

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA E AGRICULTURA FAMILIAR: UMA LEITURA A PARTIR DE JÜRGUEN HABERMAS

MODERNIZATION OF BRAZILIAN AGRICULTURE AND SUSTAINABLE AGRICULTURE: A READING FROM JÜRGUEN HABERMAS

DOUGLAS ANDRÉ ROESLER¹

RESUMO: A partir do contexto da modernização da agricultura brasileira e seus reflexos na agricultura familiar que este artigo apresenta e relaciona os conceitos de Jürguen Habermas que tratam sobre o sistema e o mundo da vida. No sistema encontram-se as dimensões do Estado e do mercado nas quais predomina a racionalidade instrumental e sua ação é efetivada pelo dinheiro e poder. O sistema influencia e modifica o mundo da vida, no caso, dos agricultores familiares. A dimensão do mundo da vida trata das interações sociais, da cultura, da tradição e no modo que o agricultor e sua família vive e se reproduz social e economicamente. Nesta dimensão prevalece a racionalidade substantiva e comunicativa nas famílias e nos grupos sociais em que estão relacionados. No conjunto de interações entre a dimensão sistema e a dimensão mundo da vida que se estabelecem a autonomia e a diferenciação do agricultor familiar, assim como a sua dissociação e racionalização, de acordo com o grau de influência do sistema.

Palavras-chave: modernização, agricultura familiar, Habermas.

ABSTRACT: From the context of the modernization of Brazilian agriculture and its impact on family farming is the aim that this paper presents and relates the concepts of Habermas Jürguen that deal with the system and the world of life. In such system are found the dimensions of the State and market in which the instrumental rationality is predominant and its action is effected by money and power. The system influences and modifies the world of life, in case the family farmers. The size of the world of life is about social interactions, culture, tradition and the way that the farmer and his family live and reproduce itself economically and socially. In this dimension prevails substantive and communicative rationality in families and in social groups that are related. The set of interactions between the system and world of life dimension is that establishes autonomy and differentiation of the family farmer, as well as its decoupling and rationalization, according to the degree of influence of the system.

Key words: modernization, family farming, Habermas.

Sumário: Introdução - 1 Desenvolvimento do artigo - 1.1 O sistema e a modernização da agricultura brasileira - 1.2 O mundo da vida na agricultura familiar - 2 Considerações finais - Referências.

¹ Professor Assistente da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, na UFPR - Universidade Federal do Paraná. E-mail: douglasroesler@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de aplicar os conceitos teóricos de Jürghen Habermas sobre sistema e mundo da vida no contexto da modernização da agricultura e seus reflexos na agricultura familiar. Segundo Habermas (1992) é no mundo da vida que os atores sociais, no caso, os agricultores familiares percebem e vivenciam a realidade social. Este mundo da vida apresenta dois lados: o lado da continuidade e das certezas e o lado da mudança e do questionamento dessas certezas que ocorre pela ação comunicativa. O sistema não é oposição ao mundo da vida, mas traz o sentido de complementaridade e auxilia na descrição das estruturas societárias que asseguram a reprodução material e institucional da sociedade: a economia e o Estado. A integração sistêmica destas estruturas são o dinheiro e o poder. No interior do sistema, a linguagem é secundária, predominando a ação instrumental ou estratégica. A racionalização da economia e do Estado resultou na hegemonia da racionalidade instrumental. Houve uma expulsão da racionalidade comunicativa pois a modernização societária não admite o questionamento dos princípios que regem seu funcionamento (HABERMAS, 1992).

Observa-se que a modernização da agricultura modificou a base técnica de produção e teve impactos econômicos, sociais e ambientais. Neste contexto está a agricultura familiar que, devido a sua diversidade e heterogeneidade, sofreu diferentes modificações na sua forma de produzir e de viver. Alguns agricultores familiares se adaptaram plenamente ao pacote modernizador, outros agricultores se modificaram parcialmente e existem aqueles que ficaram marginalizados deste processo por falta de condições técnicas e econômicas ou por opção destes agricultores. A modernização da agricultura brasileira e seus reflexos na agricultura familiar caracteriza as interações do sistema (mercado e Estado) e do mundo da vida do agricultor familiar.

1 DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO

1.1 O SISTEMA E A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA

A agricultura brasileira, em meados do século XX, passou por grandes transformações que modificaram profundamente sua realidade social, econômica e ambiental. A articulação para o início da modernização partiu dos grandes grupos empresariais multinacionais que, junto com a política de auto-suficiência

do governo militar brasileiro, propuseram a receita, ou melhor, o pacote para modernizar a agricultura brasileira. As políticas e ações que visaram a modernização da agricultura, nas décadas de 1950 e 1960, tinham como pressuposto que o rural estava atrasado e que a modernização iria aumentar a produção e a produtividade agrícola.

Nesta época, a idéia predominante era a de que a solução para o atraso da agricultura estava na mudança da base técnica de produção, para isso, o produtor teria de adotar novas tecnologias, insumos, genética e equipamentos para modernizar sua atividade e administrá-la como uma empresa (SILVA, 1982). Este momento é caracterizado pela racionalidade instrumental do mercado, articulado com o Estado e meios de comunicação, que ampliaram a sua área de atuação, colonizando e transformando a agricultura brasileira no que se refere à diversidade do mundo da vida de muitas famílias e comunidades de agricultores.

Um dos incentivadores da modernização da agricultura foi o pesquisador Schultz (1965), o qual defendia que a eficiência e a maximização do lucro são partes de um sistema econômico eficiente e racional. Este autor considerava que todos os agricultores, capitalizados ou de subsistência, analisavam a relação entre a entrada de insumos e os resultados econômicos da mesma maneira que os empresários modernos, sendo o produtor um maximizador de lucros em busca da eficiência econômica. O autor não reconhece certos tipos de agricultores familiares (camponês ou subsistência, no caso) como categoria econômica diferenciada e que tenha uma lógica diferente dos outros segmentos produtivos da sociedade. Os estudos de Schultz serviram de aporte para a idéia predominante na época (anos 1950 e 1960) de que a agricultura era atrasada e que precisava ser modernizada através de incentivos externos.

O pacote tecnológico, ou seja, o conjunto de tecnologias, insumos e equipamentos, foi utilizado para efetivar a modernização da agricultura brasileira. Neste movimento, gradativamente, o lugar da força de trabalho e das técnicas rudimentares (mas não menos eficientes) dos agricultores foi tomado por máquinas de alto valor de aquisição e custo de manutenção. Este processo de modernização da agricultura brasileira ocorreu em sintonia com a expansão do capitalismo mundial e foi induzido pelos grupos econômicos, principalmente, norte-americanos que expandiram seus negócios no mundo e consolidaram o sistema capitalista após a Segunda Guerra Mundial (BRUM, 2005).

A efetivação da modernização da agricultura brasileira evidencia o que Habermas (1987), nos estudos sobre a transformação das sociedades, define

como processos constantes de submissão dos grupos sociais às decisões racionais. Estas decisões foram definidas no âmbito do Estado e tiveram pouca (ou nenhuma) participação das entidades ou grupos representativos dos agricultores que teriam um conhecimento mais próximo de sua realidade social, do seu mundo da vida. Nesta dimensão, os agricultores familiares vivem e estabelecem relações sociais nas comunidades e com o meio natural nas suas unidades de produção. Trata-se das experiências comuns, da língua, da tradição, cultura e saber compartilhado pelas pessoas e este conjunto característico representa sua vida cotidiana.

Por outro lado, a perspectiva do sistema descreve as estruturas societárias que asseguram a reprodução material e institucional da sociedade: a economia e o Estado. Neste caso, são dois subsistemas da sociedade que desenvolvem mecanismos auto-reguladores, o dinheiro e o poder que asseguram a integração sistêmica. No interior deste sistema, a linguagem é secundária, predominando a ação instrumental ou estratégica. O sistema é regido pela razão instrumental e interage com o mundo da vida.

Nas suas práticas administrativas, agricultor familiar também se utiliza da razão instrumental na medida que busca estabelecer relações com o meio externo, no caso, o mercado. Estas relações e interdependências do agricultor familiar com o mercado influenciam as suas práticas administrativas e podem caracterizar uma racionalidade instrumental independente da sua vontade, mas pela necessidade da sua reprodução social e econômica. O Estado, através das políticas públicas, dependendo da participação (ou não) dos agricultores familiares, caracteriza o agir estratégico. Em suma, tanto o mundo da vida como o sistema estabelecem relações e influências nas práticas administrativas e racionalidades do agricultor familiar.

A economia de mercado baseia-se no princípio do lucro, na relação capital-trabalho, no cálculo da rentabilidade, já o Estado racional legal baseia-se no sistema jurídico, na burocracia efetiva, no exército e na polícia. A racionalização da economia e do Estado resultou na hegemonia da racionalidade instrumental, afastando a racionalidade comunicativa nas instâncias decisórias. No caso da agricultura familiar, a crítica acontece quando o agricultor perde a sua autonomia e os vínculos com seu mundo da vida em favor da padronização da modernização da agricultura que privilegia a eficácia dos seus processos para atender as exigências e padrões do mercado.

Em uma perspectiva crítica sobre a desagregação do mundo da vida pelo sistema, Gorz (2007) afirma que a racionalidade cognitivo-instrumental está

avançando além da economia e do Estado e interfere nas esferas da vida e no agir comunicativo, perturbando a reprodução simbólica do mundo da vida. A racionalidade econômica "vem colonizar, reificar e mutilar até mesmo o tecido relacional do qual dependem a integração social, a educação e a socialização dos indivíduos" (GORZ, 2007, p. 107). Este autor aponta que um dos motivos da crise da modernidade está na heteroregulação pelo dinheiro e pelo poder estatal colonizando o mundo da vida e enfraquecendo as autoregulações nas relações dos indivíduos. A ampliação do sistema aumenta o agir estratégico e diminui o agir comunicativo, conseqüentemente, desagrega a reprodução do mundo da vida.

A modernização da agricultura, a expansão dos mercados e a atuação homogeneizadora do Estado resultaram na colonização do mundo da vida dos agricultores. Como conseqüência, muitos destes se desagregaram e foram expropriados da sua unidade de produção, restando vender sua força de trabalho ou imigrar para cidade, mudando o sentido do seu modo de vida rural. Outros agricultores transformaram-se em empresários rurais com forte dependência tecnológica e financeira do mercado. Neste caso, prevalece a racionalização econômica e o objetivo principal da unidade de produção passa a ser a inserção no mercado e a ampliação dos lucros. A administração e a contabilidade são instrumentos utilizados para medir a eficácia das decisões tomadas. Evidentemente que uma ação homogeneizadora do sistema em uma realidade heterogênea, como a dos agricultores familiares, tem reflexos e resultados de diferentes proporções em se tratando de adoção do pacote tecnológico e de resultados econômicos.

Gorz (2007) critica a valorização unidimensional da contabilidade com o único objetivo de mensurar a racionalização dos processos e resultados eficazes. Para o autor, a contabilidade levanta todos os custos e mede o trabalho por unidade de produto, mas desconsidera o vivido, o prazer e desprazer que o trabalho proporciona, o esforço que demanda, assim como a relação afetiva e estética com o que foi produzido. Na racionalidade econômica, as decisões são pautadas através de cálculos, desconsiderando as preferências pessoais e outros motivos que não sejam racionais ou mensuráveis.

Gorz (2007, p.112), ao apontar um dos problemas da racionalidade econômica, afirma que ela "não pode ser aplicada quando o indivíduo é livre para determinar por si só o nível de suas necessidades e o nível de esforço que despende." Neste caso, a liberdade do indivíduo em escolher o que fazer e consumir; e o autor está se referindo à categoria do suficiente que é cultural, e

não econômica. Poder definir o que é suficiente é sinônimo de autonomia que, para muitos agricultores, é mais importante do que aumentar os seus rendimentos monetários. Neste caso, a categoria do suficiente ocorre no âmbito do mundo da vida do agricultor familiar e indica uma racionalidade diferente da racionalidade econômica.

A racionalidade econômica tem por objetivo a maximização da eficiência a qual precisa ser quantificada e medida pelo cálculo. O principal indicador de eficiência é a taxa de lucro e esta depende da produtividade do trabalho ou da produção. Esta lógica é utilizada, muitas vezes, para justificar a adoção de novas tecnologias na agricultura. Acontece que nem sempre a adoção de uma nova tecnologia compensa o seu resultado na produção e rendimentos e, por consequência, inviabiliza a sua aquisição ou fragiliza a UPF.

Gorz (2007) afirma que a atividade que é regulada pelo dinheiro é uma heteroregulação que desloca o agir comunicativo no qual está fundamentada a reprodução simbólica do mundo da vida. As atividades culturais, artísticas, educativas, científicas e teóricas que estão orientadas no mundo das certezas, de valores e normas conhecidas por todos só podem ser reguladas pelo dinheiro e pelo Estado "as custas das patologias do mundo da vida, ou, para dizer de outro modo, de sua desarticulação" (GORZ, 2007, p.169). O autor, referindo-se ao sentido que as atividades relacionais e culturais garantem à reprodução simbólica do mundo da vida, afirma que "a impossibilidade de regulá-las pelo dinheiro é apenas o pálido reflexo da impossibilidade de economicizá-las" (GORZ, 2007, p.170).

Nas organizações regidas pela racionalidade instrumental, as pessoas são consideradas apenas como ocupantes de cargos e desempenham determinada função. Estas funções são organizadas e estruturadas para que se consiga atingir os objetivos com o melhor uso dos recursos. No caso da unidade de produção familiar, existem outros aspectos que justificam a sua existência, por exemplo, a consideração da terra como espaço de vida além de espaço da produção, também são considerados seu modo de vida, sua autonomia, sua relação com a natureza, sua história, cultura, entre outros. Deste modo, pode-se afirmar que a práticas administrativas são desencadeadas a partir de outras racionalidades que nem sempre estão afinadas com a racionalidade instrumental.

O processo de modernização da agricultura brasileira demonstrou as influências das políticas e ações do Estado e do mercado sobre o mundo da vida dos agricultores brasileiros, especificamente dos agricultores familiares. Este

processo resultou em impactos nas mais diferentes formas e proporções. Houve agricultores que adotaram plenamente o pacote tecnológico, mudaram sua base de produção e se capitalizaram, outros adaptaram as novas tecnologias e tiveram resultados diferentes, assim como houve agricultores que ficaram excluídos deste processo. Independente das diferentes proporções de inserção e transformação da modernização da agricultura no mundo da vida dos agricultores, os impactos ambientais e sociais foram importantes e serão tratados a seguir.

1.2 O MUNDO DA VIDA NA AGRICULTURA FAMILIAR

Para Lamarche (1993, p.15), "a exploração familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola onde a propriedade e trabalho estão intimamente ligados a família". Wanderley (1996) afirma que a combinação destes três fatores, terra-trabalho-família, traduz a capacidade de transformação e adaptação da agricultura familiar a diferentes situações. Além disso, a autora afirma que os agricultores familiares buscam preservar a sua reprodução e autonomia da família.

Tchayanov (1974) argumenta que a produção camponesa possui uma lógica própria de funcionamento e que existem relações invisíveis difíceis de serem quantificadas e remuneradas. Para o autor, os camponeses não podem ser analisados apenas no âmbito da produção, mas também considerando os diferentes papéis, alternativas e dinâmicas na organização e funcionamento interno da atividade camponesa. A decisão do camponês leva em consideração a satisfação de suas necessidades e o impacto no aumento da força de trabalho. Por isso, os camponeses poderiam, se quisessem, trabalhar mais tempo, vender o excedente da produção e auferir os lucros ano após ano. Isto demonstra que o agricultor familiar tem outros interesses, como por exemplo, a garantia da sua autonomia e reprodução da sua família.

Nas definições de agricultura familiar, identificam-se elementos que são indissociáveis e interdependentes: o trabalho ligado à família; a terra como espaço de produção e de vida, bem como suas práticas administrativas que buscam adaptar-se às mudanças do contexto e garantir a sobrevivência, autonomia, reprodução social e econômica da família. Nesta síntese, pode-se abstrair uma análise mais abrangente, utilizando-se os conceitos de Habermas (1987), ou seja, as práticas administrativas do agricultor familiar, frente a sua unidade de produção, sofrem influências, relacionam-se, interagem e "transitam" entre o

sistema e o mundo da vida.

Segundo Brandenburg (1999, p. 84), na medida em que existe uma colonização, através da racionalidade instrumental e econômica do mercado no mundo da vida dos agricultores familiares, "também existem forças que buscam a manutenção da produção familiar no campo, enquanto defesa da sua identidade ou de um certo modo de vida".

Considerando a perspectiva de Habermas (1987), ao se analisar as práticas administrativas do agricultor familiar, destacam-se duas questões importantes. A primeira é que existe relação da prática administrativa com as dinâmicas internas do mundo da vida do agricultor familiar. A segunda é que a prática administrativa está relacionada, também, com o sistema e com as formas com que o agricultor busca atender e se adaptar às demandas deste sistema.

Desta forma, a perspectiva do mundo da vida do agricultor familiar contempla a sua comunidade e sua unidade de produção. Evidentemente que o agricultor familiar pode ter interações pessoais, sociais e econômicas no seu município, região metropolitana ou outros estados, mas o foco de análise será a sua unidade de produção e suas interações na comunidade.

No mundo da vida que o agricultor familiar racionaliza, decide e age buscando reproduzir-se social e economicamente no contexto em que atua, Habermas (1992, p. 205) afirma que "o conceito de mundo da vida tem validade geral e, portanto, pode aplicar-se a todas as culturas e épocas e faz-se um conceito complementar da teoria da ação comunicativa". Desta forma, pretende-se aplicar os conceitos do mundo da vida à realidade do agricultor familiar que contempla o seu modo de viver, produzir e interagir com o ambiente natural e que estabelece relações e objetivos considerando a realidade percebida na sua unidade de produção, comunidade e sistema.

Habermas (1989, p. 82) afirma que a atividade humana pode ser orientada para muitos fins, mas "é através da capacidade da ação comunicativa em se reconstruir e coordenar racionalmente que resulta na mútua compreensão e ação." Para compreender as dimensões da ação, Habermas (1989) especifica três mundos que compõem o mundo da vida: o mundo natural (objetos físicos e biológicos), o mundo social e o mundo pessoal-interior (personalidade).

Em se tratando das interações, através da ação do mundo exterior, social e pessoal existe uma diferença conceitual e de ponto de partida entre a ação comunicativa, instrumental e estratégica. A ação comunicativa visa a mútua compreensão do mundo social, no caso, as relações do agricultor com a família, parentes, vizinhos, igreja, associações, comunidade, município e RMC. A ação

instrumental é dirigida em busca de êxito (do mundo pessoal) nas relações com o mundo exterior. O mundo exterior trata dos objetos, do meio físico e biológico e dos recursos técnicos das UPFs. A ação instrumental visa organizar e aproveitar os recursos disponíveis para o alcance dos objetivos deste agricultor e de sua família. "A ação estratégica é dirigida no sentido do êxito no mundo social" (HABERMAS, 1989, p. 279).

Habermas (1992, p.196) afirma que as estruturas simbólicas do mundo da vida se reproduzem pela continuação do saber válido, pela estabilização da solidariedade dos grupos e pela formação de atores capazes de responder as suas ações. "A cultura é o acervo de saber dos agricultores familiares que se abastece nas interpretações para entender sobre algo no mundo". Este saber é repassado nas sucessões familiares e reconstruído ao longo da vida, assim como adaptado e assimilado a partir das informações dos meios de comunicação, da assistência técnica pública ou privada e na ação comunicativa com o mundo social do agricultor familiar.

É no mundo social que se estabelecem as regras pelas quais os participantes, em interação, regulam seu pertencimento a grupos sociais e asseguram o elo de solidariedade. Neste caso, o agricultor familiar toma decisões e age também considerando seu mundo social. Além disso, no mundo pessoal estão as competências do sujeito capaz de linguagem e ação, isto é, estas capacidades possibilitam-lhe tomar parte dos processos de entendimento e afirmar os elos de sua própria identidade.

Segundo Habermas (1992, p.192) "o fragmento do mundo da vida relevante para determinada situação se impõe ao ator", no caso, o agricultor familiar, como problema que ele tem de resolver por sua própria conta e o leva a transformar, a modificar seu mundo da vida. Isto demonstra que o mundo da vida está sempre em transformação e adaptação. A resolução de problemas demanda habilidades individuais, de um saber intuitivo, das relações com o mundo social e dos limites e potencialidades do mundo objetivo. A ação comunicativa além de compreender o mundo social, pessoal e objetivo, também considera as dimensões do espaço social e do tempo histórico. No caso do estudo, o espaço social é a comunidade a qual o agricultor familiar pertence e o tempo histórico é o presente, ou seja, o momento da prática administrativa, sem desconsiderar a trajetória histórica, as experiências passadas e os limites e potencialidades da unidade de produção.

As interações do mundo pessoal, social e exterior que acontecem pela ação garantem a dinâmica e a reprodução do mundo da vida do agricultor fami-

liar e da sua comunidade, assim como constituem um processo de renovação ou de ruptura da tradição. Neste movimento se pautam as influências do sistema e inserem-se as questões ambientais que passam a ter significados diferenciados e afetam as práticas administrativas dos agricultores familiares.

Os sistemas sociais, no caso as comunidades rurais, realizam trocas com o seu meio natural e estas intervenções necessitam de organização. A coordenação no uso dos recursos trata de uma função importante da prática administrativa que prescinde uma racionalidade, um objetivo e uma decisão. Desta forma, os agricultores familiares tratam do uso e da manutenção do substrato material do mundo da vida que é resultante de decisões sobre o que produzir ou qual atividade é mais apropriada para a realidade da sua unidade de produção e recursos disponíveis. Na medida em que as decisões resultam em bom resultados, a forma de decidir e utilizar os meios se convertem em critérios intuitivos na solução satisfatória das tarefas, "produzem estímulos para uma especificação funcional das tarefas para correspondente diferenciação dos resultados" (HABERMAS, 1992, p. 225).

Desta forma, Habermas (1992) considera o intercâmbio de uma comunidade no seu entorno natural e social e pela teoria da ação busca-se combinar as atividades teleológicas efetuadas em termos de divisão do trabalho, combinação e incremento na capacidade de adaptação e fins do sistema social pretendida pelos participantes. A ação teleológica é definida no mundo objetivo e visa buscar um objetivo pretendido. Por exemplo, a adoção de nova tecnologia ou a decisão de produzir outros produtos reflete no aumento da complexidade do trabalho nas unidades de produção na busca da sua rentabilidade econômica.

Além disso, pode ocorrer associação e parcerias com outros produtores familiares e agentes de produção e comercialização, fazendo com que estes se diferenciem e se integrem para a formação de unidades sociais mais vastas. Isto demonstra as interações do mundo da vida do agricultor familiar com o sistema. Habermas (1992) observa que estas interações tendem a um equilíbrio, pois a predominância das ações do sistema pode resultar na colonização do mundo da vida. Desta forma a interação com o sistema é importante e necessária para o fortalecimento e autonomia do mundo da vida. O agricultor familiar, vivenciando outras realidades através de trabalhos, viagens, conversas com pessoas de outros lugares ou em contato com os meios de comunicação, pode encontrar subsídios para avaliar, compreender, aprender e adaptar as suas práticas administrativas.

Para Habermas (1992) o saber é aquilo que pode ser adquirido, por

aprendizagem ou por apropriação da tradição cultural, estendendo-se a apropriação dos elementos cognitivos da cultura como seus elementos concernentes da integração social. O saber do agricultor familiar vincula-se ao aprendido com os mais velhos (pais, tios, avós), através das trocas na integração social no seu mundo da vida e também por intermédio das informações e tecnologias das empresas vendedoras de insumos e assistência técnica do Estado. O saber é construído pela interação e pela experiência no desenvolvimento do trabalho ao longo do tempo.

Na medida em que a interação social nas comunidades rurais se enfraquece ou está desarticulada, as mudanças se fazem a cargo dos meios de controle no lugar da linguagem, o que significa uma desconexão na interação com respeito aos contextos do mundo da vida. Os interesses financeiros e o poder vinculam as ações que representam um trato racional com respeito aos fins. Habermas (1992, p. 259) afirma que "no contexto do mundo da vida evidenciam-se os processos de entendimento e quando isto não acontece ocorre uma tecnificação do mundo da vida".

A teoria da ação aplicada à realidade do agricultor familiar traz elementos importantes para a compreensão das interações entre o mundo pessoal, social e natural que acontecem através suas práticas administrativas e racionalidades que o agricultor familiar faz visando a sua reprodução social e econômica.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve o objetivo de refletir sobre a modernização da agricultura brasileira e seus reflexos na agricultura brasileira utilizando-se dos conceitos sobre os processos societários desenvolvidos por Habermas que tratam sobre as interações do sistema e do mundo da vida. A contribuição desta reflexão está na possibilidade de aplicação destes conceitos no sentido de compreender as interações entre o sistema e o mundo da vida. Isto possibilita uma outra perspectiva de análise ao considerar as diferentes racionalidades nas relações sociais e econômicas da agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

BRANDENBURG, Alfio. **Agricultura familiar: ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Ed. UFPR, 1999.

BRUM, Argemiro Luís; TRENNEPHOL, Vera Lúcia. **Agricultura brasileira**. 3.ed. rev. ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 128 p.

GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. Trad. Ana Montoia. 2.ed. São Paulo: Annabluma, 2007.

HABERMAS, Jürghen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, Humanidades, 1987. Tomo 1.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, Humanidades, 1992. Tomo 2. Reimp.

LAMARCHE, Hugues (coord.) **Agricultura familiar**: uma realidade multiforme. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. v. 1

SCHULTZ, Theodore William. **A transformação da agricultura tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TCHAYANOV, Alexander Vasilevich. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

Artigo recebido em: Setembro/2009

Aceito em: Novembro/2009